

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA**

CLAUDINEI MOREIRA DA COSTA

**A PRESENÇA CONSTANTE DA SEGREGAÇÃO NA LITERATURA LUSÓFONA:
UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE MACHADO DE ASSIS, MONTEIRO
LOBATO E MAI COUTO**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

CURITIBA
2015

CLAUDINEI MOREIRA DA COSTA

**A PRESENÇA CONSTANTE DA SEGREGAÇÃO NA LITERATURA LUSÓFONA:
UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE MACHADO DE ASSIS, MONTEIRO
LOBATO E MAI COUTO**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura, pelo Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Fernando de Lima

CURITIBA
2015



TERMO DE APROVAÇÃO

ALUNO: Claudinei Moreira da Costa

Polo: Diadema

TÍTULO DA MONOGRAFIA:

A presença constante da segregação na literatura lusófona em um estudo comparativo entre Machado de Assis, Monteiro Lobato e Mia Conto.

Esta monografia foi apresentada às 9h do dia 12/12/2015 como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no curso de Especialização em **Ensino de Língua Portuguesa e Literatura** da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Curitiba. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho:

1		Aprovado
2	X	Aprovado condicionado às correções Pós-banca, postagem da tarefa e liberação do Orientador
3		Reprovado

Prof. Marcelo Fernando de Lima
UTFPR – Câmpus Curitiba
(Orientador)

Profª Edna da Silva Polese
UTFPR – Câmpus Curitiba

Prof. Leandro Zago
UTFPR – Câmpus Pato Branco

OBS: O DOCUMENTO ORIGINAL ENCONTRA-SE ARQUIVADO NA SECRETARIA DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA

RESUMO

COSTA, Claudinei Moreira da. **A presença constante da segregação na literatura lusófona:** um estudo comparativo entre Machado de Assis, Monteiro Lobato e Mia Couto. Curitiba, 2015. 20 fls. Monografia. (Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Curitiba, 2015.

Este trabalho visa o estudo comparativo da segregação racial, tema presente e constante na sociedade contemporânea e, por consequência, na literatura dos países que sofrem deste mal. A literatura em geral retrata as etapas sociais de um grupo específico de indivíduos. Isto também ocorre nas literaturas lusófonas (africanas e brasileira). Com este estudo espera-se demonstrar a intertextualidade na literatura brasileira e africana, principalmente no que diz respeito à segregação racial. Serão analisados, de forma comparada, dois contos da literatura brasileira, “Pai contra mãe”, de Machado de Assis, e “Negrinha”, de Monteiro Lobato, com “A filha da solidão”, de Mia Couto, da literatura moçambicana, para demonstrar a temática da segregação racial presente nas literaturas lusófonas.

Palavras-chave: Literatura Comparada, Literatura Africana, Literatura Brasileira, Segregação Racial, Racismo.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 SEGREGAÇÃO ÉTNICA-RACIAL: HISTÓRICO	7
3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E ANÁLISE INDIVIDUALIZADA DE CADA OBRA	9
3.1 ANÁLISE DE “PAI CONTRA MÃE”	9
3.2 ANÁLISE DE “NEGRINHA”	11
3.3 ANÁLISE DE “A FILHA DA SOLIDÃO”	13
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	15
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	17
REFERÊNCIAS	19

1 INTRODUÇÃO

Racismo, preconceito e discriminação em geral. É uma burrice coletiva sem explicação. Afinal, que justificativa você me dá para um povo que precisa de união. Mas demonstra claramente, infelizmente, preconceitos mil, de naturezas diferentes (...). (O PENSADOR, Gabriel. *Lavagem Cerebral*, 1994)

A segregação racial tem sido tema de inúmeras discussões e atitudes de diversos segmentos da sociedade contemporânea. O racismo se manifesta entre todos os níveis socioeconômicos da sociedade, por meio de piadas e atitudes, perpetuando-se entre as gerações. Por isso a literatura, instrumento formador do pensamento e representante das mudanças numa determinada época, pode evidenciar as mazelas da sociedade. É notória a existência de personagens e cenários de obras literárias cunhadas na segregação racial, sobretudo a literatura lusófona, que teve presente na sua história a miscigenação de três matrizes raciais, primordialmente a do Brasil: indígena, europeia e africana.

O problema deste artigo baseia-se na seguinte questão: *quais são as influências, de caráter intertextual, nas literaturas brasileira e moçambicana, quanto à abordagem da segregação étnico-racial?* Partindo deste objeto de estudo, procura-se demonstrar através de análise comparada a influência desta temática tão atual e presente em inúmeros casos e situações do cotidiano, sua presença maciça nos contos africanos, principalmente na obra de Mia Couto, e suas origens advindas de outros romancistas e poetas brasileiros, a saber: Machado de Assis, Monteiro Lobato, entre outros.

Por fim, será delimitada a origem da segregação racial na literatura e sua aplicabilidade como instrumento informativo e de tomada de consciência deste mal que assola a sociedade contemporânea, sobretudo a brasileira, que tem fortes ligações com a africana. A literatura mundial tem ressaltado o lado negativo da segregação, sobretudo a racial. A literatura africana demonstra esse problema com veemência, também sob a influência de alguns escritores brasileiros. Faz-se necessária a discussão e difusão ampla e total sobre esse tema, principalmente ressaltando os benefícios das trocas culturais entre povos de diferentes matrizes étnicas.

Apesar de o racismo ser considerado crime, tanto aqui no Brasil como em alguns outros países, na nossa sociedade contemporânea atos racistas ainda persistem. Portanto, trabalhar tal tema em sala de aula e traçar um paralelo entre África e Brasil irá auxiliar na conscientização dos jovens sobre tal tema e atitude repreensível. Trata-se, sem dúvida, de

tema de grande atualidade e evidente relevância social, técnica e científica. Pois é notório o incômodo que o racismo causa em uma sociedade e em cada indivíduo. Logo, é por intermédio da literatura que se pode manifestar o despreço por tal atitude criminoso.

Como o estudo em questão é norteado pela temática da segregação racial, sobretudo da cultura africana e negra que é subjugada e depreciada pela cultura europeia, em especial a portuguesa e branca, nossa metodologia será, como já dito anteriormente neste documento, a comparação destas obras já citadas, suas temáticas e, se possível, a demonstração da intertextualidade nas literaturas brasileira e africana, no conto *A filha da solidão*, de Mia Couto.

E, por fim, em consonância com a Lei nº 10.639, de 2003, que norteia o estudo da cultura africana nas escolas e, por extensão, a influência da literatura africana na brasileira e vice-versa, como pode-se notar em seu conteúdo, alterando a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), estabelecendo o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio em todo o Brasil, tanto nas escolas particulares como nas de ensino público.

Este estudo terá três seções, a saber: a primeira voltada à questão da segregação étnica-racial (racismo) no Brasil e sua representação na cultura e literatura; a segunda será dedicada às análises dos autores e suas obras já citadas; e, finalmente, a terceira é composta pela análise comparativa dos resultados, fruto de uma leitura crítica e sistematizada desses três contos. Vale ressaltar que a metodologia utilizada será a leitura sistêmica e comparada das obras.

2. SEGREGAÇÃO ÉTNICA-RACIAL: HISTÓRICO

Historicamente, a temática da segregação racial sempre esteve presente na sociedade contemporânea, sobretudo na brasileira. Um dos primeiros autores a abordar a necessidade histórica da abolição dos escravos na sociedade brasileira foi Joaquim Nabuco, em seu livro *O Abolicionismo*, de 1883. Tal obra demonstra como este assunto, a segregação racial, assolava o país e necessitava a abolição desta prática. Como vemos em seu texto a seguir:

Já existe, felizmente, em nosso país, uma consciência nacional - em formação, é certo - que vai introduzindo o elemento da dignidade humana em nossa legislação, e para a qual a escravidão, apesar de hereditária, é uma verdadeira mancha de Caim que o Brasil traz na frente. Essa consciência, que está temperando a nossa alma, e há de por fim humanizá-la, resulta da mistura de duas correntes diversas: o arrependimento dos descendentes de senhores, e a afinidade de sofrimento dos herdeiros de escravos. (...)

Abolicionistas são todos os que confiam num Brasil sem escravos; os que predizem os milagres do trabalho livre, os que sofrem a escravidão como uma vassalagem odiosa imposta por alguns, e no interesse de alguns, à nação toda; os que já sufocam nesse ar mefítico, que escravos e senhores respiram livremente; os que não acreditam que o brasileiro, perdida a escravidão, se deite para morrer, como o romano do tempo dos cézares, porque perdera a liberdade. (NABUCO, 2000, p.p. 103)

Também temos a obra-prima de Gilberto Freyre, *Casa Grande & Senzala*, de 1933, que mostra a miscigenação na sociedade brasileira sob o ponto de vista sociológico, como podemos perceber no excerto a seguir:

O Brasil não se limitou a recolher da África a lama de gente preta que lhe fecundou os canaviais e os cafezais; que lhe amaciou a terra seca; que lhe completou a riqueza das manchas de massapê. Vieram-lhe da África "donas de casa" para seus colonos sem mulher branca; técnicos para as minas; artífices em ferro; negros entendidos na criação de gado e na indústria pastoril; comerciantes de panos e sabão; mestres, sacerdotes e tiradores de reza maometanos. Por outro lado, a proximidade da Bahia e de Pernambuco da Costa da África atuou no sentido de dar às relações entre o Brasil e o continente negro um caráter todo especial de intimidade. Uma intimidade mais fraternal que com as colônias inglesas. (FREYRE, 1992, p.p. 76-77)

E, como já foi dito na introdução deste artigo, a literatura representa com fidedignidade estes problemas que assolam a humanidade. Como foi ilustrado em SCHWARCZ (2012, p. 10), “O livro *Contos para crianças*, publicado no Brasil em 1912 e na Inglaterra em 1937, contém uma série de histórias cujo tema central é muitas vezes o mesmo: como uma pessoa negra pode tornar-se branca”. Em sua obra “Nem preto nem branco, muito pelo contrário” (2012), a autora elucida diversas obras publicadas no Brasil no final do

século XIX e início do século XX nas quais o tema central é um só: exaltação da cor “branca”, em detrimento da “negra”. Uma das histórias, “A princesa negrina”, uma espécie de compilação de diversos contos infantis, ilustra a tristeza de um casal de nobres “bons e brancos”, que recebem de uma fada madrinha a “má-sorte” de uma filha “negra como a noite”.

Pode-se também demonstrar que o racismo se faz presente desde a formação da sociedade brasileira, pois havia distinção de índios e brancos, no primeiro momento; e de negros, índios e brancos, à época do tráfico negreiro. Tal temática sempre esteve demonstrada nas obras, como *O mulato*, de Aluísio Azevedo; *O navio negreiro*, de Castro Alves, e tantas outras que representavam a segregação racial existente e intrínseca na sociedade que sempre trouxe consigo ideais que excluía da sociedade os negros, devido a origem advinda da escravidão.

De uma forma ampla, segundo o *Dicionário Michaelis Online*, “racismo é a teoria que afirma a superioridade de determinadas raças humanas sobre as demais”, normalmente relacionada à diferença de cor da pele. Com este falso estratagem, submetem-se povos à submissão e à escravidão. Foi o que foi feito com o povo africano ao ser traficado ao Brasil como escravos. O africano trouxe consigo toda uma carga cultural e social de sua terra, retratada na literatura que funcionava como “voz” às desigualdades sociais e segregação étnica-racial.

Cabe ressaltar, porém, que atos de segregação racial transcendem o tempo, a época, o espaço e a sociedade na qual estão inseridos, e agem de forma discriminatória em todas as classes sociais, desde aos mais abastados e famosos, até aos mais necessitados e anônimos, como podemos ver em duas notícias atuais: a primeira, de Mariana Tokarnia, repórter da EBC – Agência Brasil, que relata que o jogador Neymar Jr. foi vítima de ofensas racistas da torcida do time futebol Espanyol, de Barcelona, no jogo desta agremiação contra o seu time, o Barcelona, no dia 2 de janeiro de 2016; e a segunda, de Janaína Garcia, do *site* de notícias UOL, que informa que atriz Mônica Henrique Duarte e sua filha Mariane, de 8 anos, passaram por atos segregatórios em uma doceria em um *shopping center* de São Paulo, no dia 22 de dezembro de 2015. Tudo isso porque a menina, que é negra, fora adotada pela atriz, que é de pele branca. A atendente do local achara que a menina estava pedindo esmolas para a mulher. O que mais causa revolta em tal ato racista é a simplicidade da menina que, segundo a mãe, lhe perguntara: “Mamãe, isto também acontece com brancos?”.

Logo, coube à literatura mostrar estas mazelas sociais. Veremos detalhadamente nas análises das três obras estudadas neste artigo.

3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E ANÁLISE INDIVIDUALIZADA DE CADA OBRA

A revisão bibliográfica será feita mediante leitura sistemática e atenta, com análise comparativa e crítica de cada obra, ressaltando os pontos abordados pelos autores pertinentes ao assunto em questão. Será feita também a análise comparativa de três obras que ressaltam tais questões acerca da presença do racismo na literatura: *Pai contra mãe*, de Machado de Assis, *Negrinha*, de Monteiro Lobato e *A filha da solidão*, de Mia Couto.

Começaremos o artigo propriamente dito com a análise, em separado, de cada obra, e, em seguida, a comparação e influência entre elas. E, por fim, como a temática da segregação racial é latente e deveras presente nas obras em geral, iremos ressaltar seu papel crítico de tal atitude na sociedade. Para corroborar tal ideal, observemos o texto de Cantarin a seguir:

Seja por meio da força, seja fruto de um discurso mistificador, o colonizador sempre procurou deixar claro o lugar que competia ao negro na sociedade colonial. Esmerou-se em mostrar que a cor da pele também matizava a organização do mundo, dando sempre prerrogativas a quem tivesse a cor branca, mesmo na terra dos negros (CANTARIN, 2012, p.145).

Esse tom de crítica político-social é forte também nestas obras analisadas, pois Mia Couto, Machado de Assis e Monteiro Lobato, cientes de seus papéis na sociedade, utilizam suas obras para ressaltar este grande problema e criticá-lo, além de alertar que a necessidade da quebra de paradigmas é primordial para uma igualdade social e respeito ao indivíduo, pois o ser humano é formado, em todos os aspectos, de miscigenações. Tal fato é presente nas culturas brasileira e africana, que sofreram a colonização e a influência da cultura portuguesa.

3.1. ANÁLISE DE “PAI CONTRA MÃE”

Pai contra mãe é um conto de Machado de Assis publicado em 1906, em seu livro *Relíquias da Casa Velha*. Foi produzido dezoito anos após a lei de abolição da escravatura do Brasil, e retrata cruelmente e de forma realista, até crítica, a “coisificação” do ser humano, e como a escravidão ainda se fazia presente na sociedade brasileira, por intermédio da segregação racial. A obra demonstra um contexto histórico-social de uma nação escravocrata, que enxergava a perseguição e a captura de escravos africanos como uma atitude “normal” e tal profissão era tida como “comum” e “bastante rentável”.

O conto começa com uma contextualização da personagem principal, Candinho, e de sua “necessidade” de se fazer aceitar em diversas estruturas econômicas, em contraponto com sua dificuldade de adaptar-se às convenções sociais e a caracterização dele como uma pessoa de “difícil” adaptação e, por consequência, de divergências ao ajeitar-se em um emprego.

Assis, com maestria e detalhes, conceitua-nos historicamente acerca da sociedade colonial brasileira e seus costumes escravocratas, bem como os hábitos de aprisionamento e tortura de escravos africanos, sobretudo os “rebeldes” e “fujões”. Com tal roteiro, coloca Candinho na sua profissão, “caçador de escravos” e, como pano de fundo, as dificuldades financeiras que ele, a esposa, Clara, sua tia, Mônica, e seu primogênito que está por vir, enfrentarão, e o futuro tenebroso e sombrio que este bebê irá receber. Podemos perceber a função social da profissão de Candinho no sistema escravocrata, como afirma Muniz a seguir:

Uma terceira informação que chama atenção no referido período é o reconhecimento da escravidão como uma instituição social. Aquela inicia o período, esta o fecha. As duas são complementares e definidoras uma da outra. Será justamente a escravidão como instituição social que dará status de ofício à atividade descrita no quinto parágrafo e que será também o ofício do personagem principal: pegar escravos fugidos (MUNIZ, 1996, p.4).

Mesmo passando por diversas dificuldades e infortúnios, Candinho reluta em deixar seu filho que irá nascer na “Roda dos Enjeitados”, conseguindo um “fio de esperança” na captura de uma mulata valiosa. Todavia, esta nova personagem da trama também está grávida e roga piedade a Candinho devido ao seu filho. Em virtude da sobrevivência de seu rebento, Candinho não tem dó nem compaixão perante a situação exposta a ele neste momento. Vê a mulata abortar, pega sua recompensa e “salva” seu recém-nascido filho da rejeição. Vemos a importância do ato da captura da escrava e seu aborto para a salvação do filho de Candinho, demonstrada no excerto de Assis a seguir:

Arminda caiu no corredor. Ali mesmo o senhor da escrava abriu a carteira e tirou os cem mil-réis de gratificação. Cândido Neves guardou as duas notas de cinquenta mil-réis, enquanto o senhor novamente dizia à escrava que entrasse. No chão, onde jazia, levada do medo e da dor, e após algum tempo de luta a escrava abortou.

O fruto de algum tempo entrou sem vida neste mundo, entre os gemidos da mãe e os gestos de desespero do dono. Cândido Neves viu todo este espetáculo. (...) O pai recebeu o filho com a mesma fúria com que pegara a escrava fujona de há pouco, fúria diversa, naturalmente, fúria de amor (ASSIS, 2015, p.p. 34-35).

O título é bastante sugestivo, pois o “pai” Candinho opõem-se à “mãe” mulata (Arminda). Porque em detrimento de um bebê, o outro é salvo. Devido ao contexto social e à realidade histórica em que tal obra está inserida, valorizava-se o filho “liberto” ao escravo; apesar de tal atitude para os padrões da sociedade colonial brasileira serem considerados “aceitáveis” e “normais”, Machado de Assis, com tal viés e temática, critica ferrenhamente os costumes de uma sociedade escravocrata e preconceituosa, já que o autor também era descendente de escravos. Portanto, Machado de Assis faz uma crítica e um alerta à sociedade brasileira sobre seus costumes e hábitos.

3.2. ANÁLISE DE “NEGRINHA”

Negrinha é um conto escrito por Monteiro Lobato. Foi publicado em 1920, em livro homônimo, composto por outros contos também, a saber: *Fitas da Vida*, *O drama da geada*, *O Bugio moqueado*, *O jardineiro Timóteo* e *O colocador de pronomes*, isto na sua primeira edição. Na sua segunda edição, foram acrescentados outros, totalizando 22 contos. Só não são citados porque o objeto desta análise, *Negrinha*, já estava presente nesta primeira edição, e é este que dá o nome ao livro e à temática estudada neste artigo. Este conto retrata de forma, em princípio cruel, e, depois, comovente, a marginalização do negro na sociedade pós-abolicionista brasileira.

O conto de Monteiro Lobato é a representação feroz e latente da segregação racial, encrustada em uma sociedade que, mesmo pós-abolicionista, trazia consigo costumes e atos que dificilmente acabariam, mesmo com a libertação dos escravos. Alguns estudiosos comungam deste pensamento, classificando Lobato como escritor de temática adulta questionador dos conflitos e preceitos sociais, políticos e econômicos de uma sociedade arraigada de segregação racial, como vemos em Rodrigues:

O conto *Negrinha* [...] é, da obra adulta, considerado a narrativa mais emocionante escrita por Lobato. Publicado em 1920 [...], retrata uma época marcada pelo autoritarismo e pelo preconceito racial. Nesse texto, a personagem-título é filha de uma escrava e, com a morte desta, passa a ser criada por D. Inácia, uma rica senhora acostumada ao antigo regime escravocrata, abolido em 1888. Mostra-se, portanto, a crítica feroz lobatiana, com o intuito de revelar a situação das classes menos favorecidas de uma sociedade brasileira discriminatória (RODRIGUES, 2015, p. 366).

Devido ao fato de Lobato ser acusado por muitos anos como racista e que em suas obras fazia apologia à segregação racial, *Negrinha*, à primeira vista, surge como a personificação de tal pensamento, pois, em sua trama, há uma infinidade de ofensas e atos depreciativos para com a personagem principal: “fusca, mulatinha escura, cabelos ruços, pestinha, diabo, lixo, bubônica...” e tantos outros que a criança em questão até achava que a “mimoseavam”, devido à sua inocência e ao tamanho desconhecimento de outra forma de atenção e compaixão que não fosse essa: a humilhação física, racial, moral e social.

Entretanto, em um segundo momento, pode-se perceber que ele produziu tal texto com maestria de detalhes e elementos que beiram à ironia, ao sarcasmo, confundindo-se, assim, com a “apologia” ao racismo, para criticar a sociedade da época, tal qual já fizera em outras das suas célebres obras, como *O Sítio do Pica-Pau Amarelo*. Em *Negrinha*, há exemplos de hipocrisia, pois Dona Inácia é a fidedigna representação de uma sociedade pós-escravocrata que, por acordos sociais e/ou comerciais, desfaz-se da escravidão, mas traz consigo implicitamente conceitos da segregação racial, ao achar Negrinha, órfã e desamparada, “inferior”, “coisificada”, julgando-a, assim, de forma hipócrita, que a ajudava.

Todavia, Lobato também demonstra o outro lado desta mesma sociedade, e daqueles que, com ciência da igualdade humana, opõem-se aos costumes escravocratas, e tornam-se abolicionistas; apesar desta situação incomodar parte da sociedade, não se percebe tal situação em relação às ações de Dona Inácia, pois por intermédio da benevolência, da clemência que ela tem para com Negrinha, deixando-a brincar, tornar-se verdadeiramente criança e usufruir dos sonhos e realizações que as bonecas causavam nela e nas sobrinhas daquela, “louras, parecidas com anjos”, observa-se uma atitude mais preocupada com as “aparências” e com o julgamento da sociedade do que com a clemência e atitude mais humanitária para com a personagem central deste conto, demonstrando, outrossim, a segregação racial implícita. A ironia lobatiana é presente neste fato, bem marcante no caráter crítico de suas obras.

Por fim, com o término das férias e a partida das sobrinhas e da boneca, Negrinha retorna à sua realidade, agora aparentemente menos penosa, pois a senhora carrasca já não a perseguia mais e também havia aliadas na cozinha, como uma criada piedosa. Mas Negrinha, pela sua vulnerabilidade social, física e agora psicológica, ficou acometida de tristeza, por não poder brincar mais, por não ser mais criança realmente, definhou-se e morreu, deixando somente duas lembranças: uma cômica, das sobrinhas de Dona Inácia, porque ela “nunca vira boneca” e da própria senhora, de saudade, que sentira falta de seus atos sádicos para com a menina, pois “como era boa para um cocre!”.

A morte é o clímax, o ponto principal da análise crítica e até irônica de Lobato, porque este ato representa uma tomada de consciência profunda e amarga da personagem principal, percebendo que nunca teria uma vida digna e humana, prefere sucumbir à morte do que viver uma vida desumana, miserável e coisificada. Lobato demonstra a realidade cruel na qual está inserida Negrinha, desvalorizada por todos, sem valor, mostrando a pouca importância de sua vida para Dona Inácia e para a sociedade brasileira pós-escravocrata, como podemos ver: “E tudo se esvaiu em trevas. Depois, vala comum. A terra papou com indiferença aquela carnezinha de terceira — uma miséria, trinta quilos mal pesados...”.

Portanto, percebe-se a maestria e a fidedignidade que se apresenta neste conto, demonstrando de forma cruel e realista a segregação racial, tão presente na sociedade brasileira da época e, porque não afirmar, ainda presente na sociedade contemporânea brasileira.

3.3. ANÁLISE DE “A FILHA DA SOLIDÃO”

Mia Couto, nascido António Emílio Leite Couto, publicou *A filha da solidão* em meados dos anos de 1990, entre 1996 e 1997. Fora divulgado em diversos jornais e revistas lusófonos nesta época. Depois, este e outros contos deste autor de linguagem e características peculiares foram compilados na obra *Contos do nascer da terra* e, posteriormente, em *A menina sem palavra – histórias de Mia Couto*. O conto em questão fora publicado nas duas obras, sendo que, para nossa análise, foi utilizada a primeira obra citada.

Este conto tem, como foi dito, uma linguagem especial e uma forma toda peculiar em retratar a segregação racial e as diferenças e opressões que ocorrem nas nações lusófonas africanas, sobretudo a moçambicana, que sofre conflitos e segregações raciais devido sua origem e colonização bem opressora do branco (europeu) em detrimento do negro (africano). Podemos perceber a sutileza de sinais e a latente segregação racial neste peculiar conto de Mia Couto.

A filha da solidão lida com a tênue situação entre o sentimento e o real, entre o racismo e a preocupação familiar, demonstrada nas falas dos Pacheco em relação à sua Meninita. A família Pacheco tornara-se a única branca e europeia naquela região, na “aridez do Shiperapera”. O pai, Manoel, isenta-se de justificar tal escolha, mas explica sua situação em sua fala: “aqui, por trás destas altas montanhas, nem Deus pode espreitar...”. Já a mãe, Dona Esmeralda, se angustiara em viver em uma região na qual não haveria pretendentes para a filha quando ela crescesse, já que, segundo suas palavras, “aqui só há pretalhada”. Essa

preocupação da personagem Dona Esmeralda é bastante marcante na trama, devido ao estado de “solidão” que estas personagens portuguesas e brancas passam neste ponto inóspito da África, muito por causa de seus preconceitos, como afirma Sousa:

Nesse sentido, embora defendendo que na obra de Mia Couto haja predominância do horror das margens, pode-se arriscar dizer que no conto “A filha da solidão” [...] sejam encontrados tanto o horror psíquico, com suas angústias advindas do isolamento e da solidão, quanto o horror físico do preconceito racial (SOUSA, 2013, p.p. 3-4).

Meninita, personagem na qual orbita toda a trama, assume o ar racista bastante escancarado na rotina da família, pois tratava todos como se fossem “sombras”, sem valor, arraigada de preconceito, já que todos eram englobados em um único chamamento, eram tratados “no singular: preto”. Porém, mesmo com a nítida segregação racial presente, Massoco, personagem negra bastante importante na trama, pois é a única nomeada e diferenciada dos outros “pretos”, “engraça-se” com os modos de Meninita, mesmo esta desdenhando a todos. Esse ato passaria despercebido se não se entrelaçasse com o fato ocorrido no fim do conto, Meninita sentiu a necessidade de “suores de macho”, e, no desfecho, engravida e fica demonstrado na última cena deste conto: a união do negro à branca, perceptível no final, destarte à cena: “antes de adormecer, apertou a mão negra que despontava no branco das roupas”. A antítese é o recurso estrutural e até diríamos “poético” utilizado por Couto para mostrar que, em favor do amor e para sanar a “solidão”, foi vencida a segregação racial presente na obra.

Logo, percebemos que Mia Couto demonstra o conflito gerado em uma nação ante à segregação racial que está presente em toda a sociedade lusófona e em toda a sociedade mundial.

4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Demonstraremos como resultado deste artigo, em caráter analítico, a importância da literatura como elemento divulgador e observador das mazelas e pensamentos humanos, pois retrata tanto as atitudes quanto as dificuldades humanas apresentadas no seu cotidiano, seja em obras ficcionais, seja em obras verídicas, ou ainda em obras históricas e/ou biográficas.

Isto exposto, podemos afirmar que todos autores em análise (Mia Couto, Machado de Assis e Monteiro Lobato) demonstram a segregação racial em suas obras, pois tal temática é muito presente nas sociedades brasileira e moçambicana, devido à opressão social e a colonização imposta pelo povo branco português, deixando influências negativas e positivas nas sociedades citadas, demonstradas, outrossim, por atos racistas e a marginalização do negro nestas nações, fruto de uma cultura de segregação racial, difundida, principalmente na sociedade brasileira, pela escravidão, e na cultura moçambicana, pela opressão social, política e cultura imposta pela brutal colonização europeia refletida por imposição ditatorial da colônia portuguesa.

Ao observarmos as três obras, percebemos a abordagem da segregação racial em todas elas, sobretudo na de Couto. O conflito demonstrado entre a família portuguesa em Moçambique com a população local, somada à insatisfação da família Pacheco, por não haver, segundo seu próprio julgamento, ambiente favorável a personagem principal, Meninita, nem para amizade, muito menos para amores e desejos “carnais”; daí a temática endossada pelo título *A filha da solidão*.

Segundo Mérian (2008) “nunca no Brasil o papel do negro na sociedade, na economia e na cultura foi tão estudado como nos últimos trinta anos”. Portanto, sob orientação e estudo, demonstraremos a importância desta temática, da segregação racial na literatura, para a sociedade contemporânea. Devido a tal argumento, esta segregação é muito melhor representada na obra de Couto, pois o conflito gerado pelo racismo é, aparentemente, mais perturbador na sociedade africana analisada neste instrumento.

Entretanto, na obra de Lobato, a segregação racial é mais conflitante e marcante, pois os atos sádicos da personagem branca em detrimento da personagem principal negra causam, em uma leitura mais atenta e envolvente, pesares, revolta e surpresa, diríamos até despreço e dó, porque é inaceitável e impossível de se imaginar tais torturas e repressões físicas, psicológicas e sociais impostas por Dona Inácia à Negrinha. Também, à guisa de complementação e análise, é permitido a aceitação de tal obra ficcional como possível, crítica

e até verídica, já que se imagina que hábitos arcaicos relacionados à escravidão demoram muito para desvencilhar-se de uma sociedade que, à época, trazia ainda uma carga de racismo e segregação racial enorme.

Na sequência, no conto de Assis, observamos que a segregação é mais verossímil à realidade das personagens, pois a profissão de capitão do mato era muito “útil” à sociedade da época colonial, porém também tão subjugada e menosprezada como os negros da época, alforriados ou não, demonstrada na clara observação de segregação racial das personagens Candinho e Arminda, opressor e oprimida, “pai” e “mãe”, respectivamente. Talvez o que mais choque e cause indignação é o fato de Candinho também ser um oprimido pela sociedade escravocrata, querendo o melhor para seu filho, que, sem compaixão alguma, captura Arminda, escrava grávida e que perde seu filho. É a clara demonstração da individualidade e do pensamento egoísta, pois não se leva em conta a situação de dor e sofrimento que os une, e, sim, a necessidade individual que os afasta.

Portanto, em comparação das obras, percebemos que todas elas, ao seu modo, demonstram as mazelas intrínsecas ao racismo. Daí ser forte a intertextualidade entre os autores estudados, pois a segregação racial é tema recorrente nas obras de Assis, Lobato e Couto.

Entretanto, cabe também ressaltar a forte presença desta temática nas obras de Assis e Lobato pois demonstram também o mal causado na sociedade brasileira pela segregação racial, seja à época escravocrata, seja à época pós-abolicionista, com resquícios nos atos da sociedade contemporânea.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo final do estudo desta obra foi demonstrar que existe segregação racial nas sociedades contemporâneas e ela é muito bem representada pela literatura, sobretudo para nossa sociedade, pelas literaturas lusófonas, a saber: brasileira e africana, e esta última com primor e insistência, devido à vivência de tal mazela ser inerente neste meio social, sobretudo na literatura moçambicana, fruto de nosso estudo, com demonstrações nas obras de Mia Couto.

Apenas como contextualização, vale lembrar os contextos históricos nos quais estão inseridas as obras analisadas, para, então, percebermos seus valores como questionadores sociais em face ao racismo e a importância da temática da segregação racial presente de forma intertextual nesses três contos: em 1888 foi promulgada a Lei Áurea, libertando os escravos no Brasil. *Pai contra mãe*, de Assis, e *Negrinha*, de Lobato, foram produzidos após tal lei e, demonstram a influência da escravidão na cultura brasileira, cada qual ao seu modo: este demonstrando o período pós-escravocrata, com muitos costumes e resquícios na sociedade brasileira; já aquele demonstra uma sociedade em meio ao período escravocrata, com atitudes amparadas pelo regime de escravidão do Brasil, demonstrando, outrossim, todos os problemas deste período da história brasileira.

E *A filha da solidão*, de Couto, publicada entre 1996 e 1997, mostra toda a crítica em face a segregação racial, pois Moçambique vivia um período conturbado de sua história, pós-independência e pós-guerra civil, marcada por conflitos políticos e econômicos, já que este país se tornou colônia portuguesa a partir da passagem de Vasco da Gama em 1498 e de forma efetiva a partir de 1505, perdurando até 25 de julho de 1975. Entretanto, a nação moçambicana inseriu-se em inúmeros conflitos armados, que culminaram em uma guerra civil, com duração de 1976 até 1992. É em meio a este panorama crítico que Mia Couto produz seu conto, demonstrando esta situação tensa e prolongada. Daí a importância de a segregação racial ser tema tão essencial e recorrente neste conto e também nos brasileiros analisados, dialogando de forma intertextual, já que ambas as culturas sofreram e ainda sofrem com a temática da segregação racial em vossas sociedades.

Logo, em resposta à questão norteadora deste artigo, podemos perceber que a literatura africana é enfática na demonstração da segregação racial porque o racismo foi presente nas sociedades africanas, muitas vezes até subjugando as tradições e costumes locais, em detrimento de uma atitude opressora que menosprezava o povo colonizado, diminuindo a figura do negro em face do colonizador branco e europeu. Tais mazelas ainda se fazem

presente, mesmo com o advento de novas tecnologias, liberdades e informações, mas que, infelizmente, não apagam uma mácula em nossa história e na história africana, sobretudo a moçambicana, representada por Mia Couto.

Em complemento às respostas sugeridas neste artigo, também podemos perceber que os autores brasileiros analisados também trabalham com maestria o tema da segregação racial, tal qual o autor moçambicano; portanto, devido à semelhança de dificuldades sociais e de histórias que retratem a segregação racial tanto aqui no Brasil quanto em Moçambique, percebe-se uma forte intertextualidade entre Couto, Assis e Lobato.

Por fim, como já dito em todo o corpo deste documento, faz-se necessário o estudo e análise da segregação racial e suas consequências nas sociedades contemporâneas. E tal estudo pode ser exemplificado na leitura crítica destas três obras: *Pai contra mãe*, *Negrinha* e *A filha da solidão*.

REFERÊNCIAS

ALVES, Castro. *O Navio Negreiro*. Montecristo Editora, São Paulo, 2013.

ASSIS, Machado de. *Relíquias da Casa Velha*. LL Library, São Paulo, p. 25-35, 2015.

AZEVEDO, Aluísio. *O mulato*. Montecristo Editora, São Paulo, 2013.

BRASIL. *LDB alterada pela Lei nº 10.639*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm> . Acesso em: 19 jul. 2015.

CANTARIN, Márcio Matiassi. *O negro em seu devido lugar: uma leitura de “O embondeiro que sonhava pássaros”, de Mia Couto*. Revista Língua & Literatura, Frederico Westphalen - RS, v. 12, n. 18, p. 145-156, 2012. Disponível em: <<http://revistas.fw.uri.br/>>. Acesso em: 19 jul. 2015.

COUTO, Mia. *Contos do Nascer da Terra*. Companhia das Letras, São Paulo, p. 25-30, 2013.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e Senzala*. Rio de Janeiro: Record, p. 76-77, 1992. 28ª ed. Texto proveniente de: Excertos de Casa-Grande & Senzala. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/proin/versao_1/casa/index36.html>. Acesso em: 03 jan. 2016.

GARCIA, Janaína. *O que fez uma criança negra dizer: "mãe, isso também acontece com brancos?"*. Reportagem extraída de: UOL – Notícias – Cotidiano. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2015/12/22/o-que-fez-uma-crianca-negra-dizer-mae-isso-tambem-acontece-com-brancos.htm>>. Acesso em: 03 jan. 2016.

LOBATO, Monteiro. *Negrinha*. Globo, São Paulo, p. 19-26, 2008.

MÉRIAN, Jean-Yves. *O negro na literatura brasileira versus uma literatura afro-brasileira: mito e literatura*. Navegações, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 50-60, 2008.

MUNIZ, Márcio Ricardo Coelho. *Uma leitura possível de “Pai contra mãe”, de Machado de Assis*. Revista de Estudos Acadêmicos Unibero, São Paulo, v. 4, p. 25-31, 1996. Disponível em:

<http://www.uefs.br/nep/arquivos/publicacoes/uma_leitura_possivel_de_pai_contra_mae_de_machado_de_assis.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2015.

NABUCO, Joaquim. *O abolicionismo*. Publifolha, São Paulo, 2000. (Grandes nomes do pensamento brasileiro da Folha de São Paulo). Texto proveniente de: A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro: <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>. A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000127.pdf> >. Acesso em: 03 jan. 2016.

RODRIGUES, Sérgio Manoel. *Literatura, opressão e preconceito: Uma análise do conto “Negrinha”, de Monteiro Lobato*. Disponível em: <<http://unibr.com.br/revistamatter/?p=366>>. Acesso em: 19 jul. 2015.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira*. Claro Enigma, São Paulo, 2012.

SOUSA, Maria Aparecida Saraiva Magalhães de. *O horror nas margens: Pensando as literaturas e os estudos pós-coloniais*. In: *XIII Congresso Internacional da ABRALIC – Internacionalização do Regional*, Revista Abralic – Anais Abralic Internacional, Campina Grande – PB, p. 3-4, 2013. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/abralicinternacional/trabalhos/Completo_Comunicacao_oral_idinscrito_675_e443f5b93f9dff688a9c36f78bd52ceb.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2015.

TOKARNIA, Mariana. *Neymar é vítima de racismo no jogo do Barcelona com o Espanyol*. Reportagem extraída de EBC – Agência Brasil. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-01/neymar-e-vitima-de-racismo-em-jogo-do-barcelona-e-espanyol-diz-ex-dirigente>>. Acesso em: 03 jan. 2016.

WEISZFLOG, Walter. *Dicionário Michaelis Online – Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. Disponível em: <<http://www.michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=racismo>>. Acesso em: 21 dez. 2015.